



Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá
www.ubafupac.com.br

Uma análise sobre a proposta da Orientação Sexual nos primeiros anos do Ensino Fundamental

SOUZA, Fabiana da Rocha – fabianarochasouza932@gmail.com

TOLEDO, Gilson Soares- gilson.soares.toledo@gmail.com

Curso de Pedagogia

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá

Ubá- MG/Julho/2020

Resumo

Nesta pesquisa foi analisada a Orientação Sexual (OS) como proposta de ensino para as séries iniciais (4º e 5º anos) do Ensino Fundamental e enfatizou-se a percepção dos professores sobre o ensino deste tema. Para tanto, foi levantada a seguinte questão a ser investigada: qual a avaliação do professor sobre a OS? Como hipótese inicial, acredita-se que os docentes não se sentiam seguros e aptos metodologicamente para lecionarem os conteúdos da OS. O objetivo da pesquisa foi analisar a avaliação dos professores sobre o tema OS. A fim de alcançar esse objetivo, empregou-se o método qualitativo de análise, tendo em vista o caráter subjetivo do estudo. Para obter os dados necessários, foi utilizado como instrumento de pesquisa o questionário estruturado, constituído por 8 questões, sendo abertas e fechadas. Este questionário foi enviado a doze professoras de duas escolas municipais da cidade Ubá-MG, as quais constituíram esta amostra. Os resultados obtidos indicam que as professoras avaliam o ensino da OS como importantes e essenciais e, contrapondo a hipótese inicial, declararam que trabalham com segurança quanto as metodologias utilizadas, considerando-as como adequadas. Reconheceram ainda que os alunos manifestam interesse pelas aulas e que ocorre a aprendizagem e a construção do conhecimento de forma efetiva. Apesar disso, alguns dados apontaram que ainda assim há necessidade dos professores em se capacitarem a fim de lecionarem às crianças tal conteúdo. Dessa forma, compreende a real importância do ensino da OS deve fazer parte do cotidiano da vida escolar dos alunos do Ensino Fundamental 1e que a escola e os professores precisam se adequar às diversidades sociais e culturais existentes, assim como atentar para as constantes demandas dos estudantes nos assuntos que se referem a esta temática de acordo com seu desenvolvimento e faixa etária.

Palavras-chave: Educação sexual. Metodologia. Ensino Fundamental 1.

Abstract

In this research, Sexual Education (ES) was analyzed as a teaching proposal for the initial grades (4th and 5th years) of Elementary Education and the teachers' perception of teaching on this theme was emphasized. For this, the following question was raised: what is the teacher's assessment of ES. As an initial hypothesis, it is believed that teachers did not feel safe and methodologically able to teach the contents of the ES. The objective of the research was then to analyze the teachers' evaluation on the ES. In order to achieve this objective, the qualitative method of analysis was used, in view of the subjective character of the study. To obtain the necessary data, the structured questionnaire was used as a research tool, consisting of 8 open and closed questions. This questionnaire was sent to twelve teachers from two municipal schools in the city of Ubá-MG, who constituted this sample. The results obtained indicate that the teachers evaluate the teaching of E.S. as important and essential and, opposing the initial hypothesis, declared that they work safely with the methodologies used, considering them as adequate. They also recognized that students express an interest in classes and that learning and knowledge construction take place effectively. Despite this, some data pointed out that there is still a need for teachers to train themselves in order to teach children such content. Thus, it was concluded that the teaching of Sexual Education must be part of the daily life of school students of Elementary School 1 and that the school and teachers need to adapt to the existing social and cultural diversities, as well as paying attention to the constant demands of the students. students in subjects that refer to this theme according to their development and age group.

Keywords: Sex education. Methodology. Elementary School 1

1. Introdução

A Orientação Sexual (OS) é uma proposta de ensino que visa esclarecer às crianças, adolescentes e jovens questões relacionadas ao sexo, ao desenvolvimento do corpo e à compreensão das sensações que naturalmente envolvem o ser humano ao longo da vida. Trabalhar este tema não é uma tarefa fácil para os professores porque ainda provoca certos constrangimentos. Entretanto, é um assunto de extrema relevância pois possibilita aos estudantes aprenderem de forma sistemática e orientada sobre o seu próprio desenvolvimento e dos outros.

Neste sentido, a presente pesquisa analisou a OS como proposta de ensino para as séries iniciais dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental 1. Se esforçou também em compreender qual é a percepção dos professores sobre o tema, assim como quais são as metodologias utilizadas com crianças quando o professor se dispõe a ensinar conteúdos que se relacionam com a OS.

Sabe-se que a inclusão deste tema no ambiente escolar foi retomada com mais intensidade a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1995) e do Caderno que trata sobre Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (1997). Além desses documentos, a Educação Sexual (ES) teve seu enquadramento legal através da Lei n.º3/84 que inclui a primeira menção jurídica sobre o direito à ES. Assim, no seu artigo 1º, apresenta que o Estado garante o direito à ES como um componente do direito fundamental à educação. Posteriormente, foi aprovada a legislação que tornou obrigatório o ensino deste conteúdo nas escolas (Lei n.º60/2009). De acordo com esta lei, no ensino básico a ES integra-se ao âmbito da educação para a saúde.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) é fundamental que os alunos tenham condições de fazer escolhas de posicionamentos que valorizem as experiências pessoais e coletivas, e representem o autocuidado com seu corpo e o respeito com o do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva.

Diante do exposto, levantou-se uma questão a ser investigada neste estudo: qual avaliação do professor sobre o ensino da ES? A fim de responder este questionamento, tem-se como objetivo principal, analisar a avaliação do professor sobre a importância do ensino dos conteúdos de OS. E como objetivos específicos: verificar se o tema OS é trabalhado em sala de aula; citar as metodologias adotadas pelo professor para trabalhar o referido tema e verificar se o ensino de OS produz algum efeito positivo ou negativo nos alunos em sala de aula e analisar os resultados que têm sido alcançados.

Acredita-se que talvez o professor não esteja preparado para lecionar o conteúdo por não obter domínio sobre o tema OS. Possivelmente encontra dificuldades para tratar do

assunto devido ao constrangimento ou mesmo pela falta de capacitação adequada, o que gera naturalmente certa insegurança.

Sendo assim, entende-se que seja necessário refletir sobre o ensino da OS desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, uma vez que este conteúdo auxilia os alunos a fazerem escolhas corretas e compreenderem as transformações que ocorrem naturalmente em seu corpo e em sua mente em todo o seu desenvolvimento. Compreende-se também que seja necessário analisar quais são as dificuldades metodológicas e teóricas encontradas pelos docentes quando ministram este conteúdo.

2. Referencial Teórico

De acordo com Caldeira e Lopes (2017), no Brasil tem crescido o número de casos de gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, abuso sexual e abortos. Esta situação demonstra que são necessárias intervenções para minimizar as causas desses problemas e estas podem ocorrer através de orientações à família por meio dos profissionais de saúde e meios de comunicação social. Por sua vez, no caso das crianças e jovens, entende-se que a intervenção deva acontecer através da família, mas a escola e seus professores também assumiram a OS como sua responsabilidade.

Segundo Gagliotto (2014, p. 34), a “educação sexual é toda educação que o indivíduo recebe desde o nascimento, primeiramente no âmbito familiar, como concepções, valores e normas sexuais.” Desde criança, o indivíduo deve receber por meio da família uma OS livre de preconceitos, repressão e tabus. A este respeito, Machado (2010, p. 16), diz que:

A expressão sexual no ser humano é algo a ser aprendido desde o seu nascimento. Se faltar este aprendizado, que dá a sexualidade uma dimensão maior, ela fica reduzida ao simples uso do físico, que, neste caso, não precisa de maiores aprendizagens.

Como pode ser visto, é necessário dar a devida atenção à OS para que a criança não reduza sua compreensão sobre tudo que sente apenas aos impulsos do seu corpo. Desse modo, entende-se que escola seja o lugar adequado para se debater e compreender sobre os assuntos que abarcam tanto o sexo quanto a sexualidade por se constituir como espaço de compartilhamento e trocas de conhecimentos entre professores, especialistas, servidores, famílias e alunos.

É importante entender que a OS é necessária para a formação da sexualidade nas crianças porque contribui na capacidade de se fazer escolhas seguras e conscientes, além de

ser um modo de se trabalhar o respeito ao próximo, assim como a diversidade (BARBOSA e FOLMER, 2019).

Atualmente existem leis aprovadas em favor da ES nas escolas e que definiram com precisão as suas finalidades e enquadramentos na dinâmica escolar. A Lei nº60/2009, tornou obrigatória a ES nas escolas de Educação Básica. Sobre este aspecto, Machado (2002a) afirma que a ES é um processo intencional e programado através do currículo. Segundo este autor:

Na E.S. Formal os conteúdos do âmbito da Sexualidade Humana são selecionados, sequenciados e desenvolvidos de acordo com os objetivos estabelecidos. São previstas atividades integradas por níveis de conhecimento, competências e valores, atitudes de acordo com as fases de desenvolvimento, o que implica também a adequação de metodologias. A avaliação deve ser também planejada em função dos objetivos e dos conteúdos. (MACHADO, 2002a, p. 23)

Neste contexto, percebe-se que a escola deve cumprir o papel de oportunizar aos professores a capacitação teórica e metodológica apropriada para atuarem com esta temática. No entanto, Ribeiro, Silva e Amoroso (2018) afirmam que muitos professores deixam de trabalhar a ES por não se sentirem preparados para enfrentar os desafios ou por não terem o apoio da escola, dos pais e até mesmo devido a falta de recursos didáticos que os auxiliem.

A BNCC (2017) desde o 1º ano do Ensino Fundamental já traz como base que os professores devem trabalhar com os alunos as noções de higiene de corpo e respeito, na Unidade Temática Vida e Evolução, onde os objetos de conhecimentos são: corpo humano e respeito à diversidade, e as habilidades a serem alcançadas são: discutir as razões pelas quais os hábitos de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, escovar os dentes, limpar os olhos, o nariz e as orelhas etc.) são necessários para a manutenção da saúde e comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças. Acontece uma progressão durante os anos conforme a faixa etária de cada aluno, quando estes se encontram no 8º ano os objetos de conhecimento são: sexualidade e mecanismos reprodutivos.

As habilidades da BNCC são voltadas para analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso, comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente

Transmissíveis (DST), identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção, etc.

Para Cardoso, Lazzarotto e Braz (2005), a escola e seus professores são os agentes privilegiados para desenvolverem estratégias e processos de aquisição de conhecimento a respeito da sexualidade, levando em consideração que a escola essencialmente é um ambiente de heterogeneidade tanto de gêneros, quanto de etnia, idade, crença e religião. O contato com a escola possibilitará que as crianças aprendam umas com as outras e com os adultos sobre o mundo e sobre si, pois desse modo elas vivenciam novas formas de se relacionar.

Entendendo a importância da escola no que tange à temática da OS, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) implantaram a orientação sexual como um dos temas transversais a partir de avanços e retrocessos e isto foi considerado uma conquista, mas também um desafio. Segundo Gagliotto (2014, p. 58):

É importante dizer que a inclusão da sexualidade como tema transversal é produto de muita luta de educadores e pais que, entre recuos e avanços, puderam ver esse tema contemplado nas abordagens curriculares formais e institucionais da Escola.

Coadunando com Gagliotto (2014), Guimarães (1995, p. 11) relata que um “Programa de Educação Sexual, deve ser inserido no espaço participativo e interdisciplinar do cotidiano da escola, através de reflexões de experiências e trabalhos teóricos.” Percebe-se então que a escola precisa ser democrática e deve proporcionar à toda comunidade escolar contribuições sociais e educacionais que favoreçam a melhoria na qualidade de vida. Sendo assim, a escola deve se constituir como um espaço participativo e de oportunidades para as crianças aprenderem sobre os seus próprios assuntos acerca da OS e sobretudo compreenderem que a sexualidade é parte natural de suas vidas.

Um outro aspecto importante que será abordado neste trabalho, diz respeito às disciplinas que devem se utilizar do tema OS e nesse sentido, verifica-se que esta temática não pertence necessariamente a esta ou aquela disciplina, mas por se tratar de um tema transversal, conclui-se que a temática da sexualidade deve ser abordada por todas as áreas do conhecimento. Sobre este quesito, Machado (2002a, p. 24) atesta que:

A integração em várias disciplinas é mais congruente com a temática da sexualidade, que exige na sua abordagem o contributo de várias áreas de conhecimento. Na prática implica condições ótimas do sistema educativo, nomeadamente uma equipe bem preparada na temática e no trabalho conjunto.

Apesar disso, nota-se que ainda hoje algumas escolas mantêm o modelo tradicional, demonstrando alguma fragilidade e insegurança quanto a introduzir nas mais diversas áreas do conhecimento o tema sexualidade. De acordo com Guimarães (1995), este comportamento nas escolas é resultante de uma evolução cultural lenta e desinformada, dotada de preconceitos sobre o trabalho interessante e necessário que pode ser bem realizado a partir da transversalidade da OS. Corroborando com o que esta perspectiva, Cardoso, Lazzarotto e Braz (2005, p. 42) afirmam que:

[...] muitas escolas são conservadoras, mantendo posturas estereotipadas e repressivas em relação ao sexo. Os docentes são indiferentes frente a sexualidade e oferecem resistência às mudanças, pois terão de modificar seus conceitos morais, valores e hábitos.

O que se percebe é que algumas escolas e professores encontram dificuldades para desenvolver o trabalho com a OS devido aos próprios valores construídos a partir de processos identitários e culturais e ainda devido à falta de informação das famílias que podem não confiar que assuntos como sexo e sexualidade sejam objeto de ensino-aprendizagem. De acordo com Machado (2002a), existe uma certa desorientação e desconfiança da família a respeito do papel da escola no tocante a OS. A escola, por sua vez, nutre o receio de ensinar este tema a fim de evitar os reveses com as famílias.

Desse modo, para Barbosa e Folmer (2019), os professores enfrentam dificuldades para efetivarem seu trabalho no que diz respeito a OS na escola, uma vez que ficam receosos quanto a desaprovação dos pais, além de não se sentirem preparados para esse trabalho. A falta de um diálogo acerca da diversidade sexual contribui significativamente para o silenciamento, invisibilidade e exclusão de algumas pessoas e suas demandas. Reforçando esta questão, Brandão e Lopes (2018, p. 102) afirmam que:

Não incentivar a discussão de gênero e sexualidade na escola contribui para a persistência das desigualdades e discriminações sociais, bem como para expressões de violência, no espaço escolar ou em outros ambientes sociais. O debate sobre gênero e sexualidade na escola pode diminuir o machismo e a misoginia, conduzir a promoção da igualdade de gênero e da diversidade sexual, por meio do aprendizado do convívio com diferenças socioculturais. Assim, evitam-se situações de sofrimento, adoecimento e abandono escolar por razões que não competem somente aos adolescentes.

A orientação sexual é uma proposta que está inserida também no tema transversal dos PCNs e se dá dentro da escola como promoção da saúde de crianças e adolescentes. Segundo Brasil (1997) “A existência desse trabalho possibilita também a realização de ações preventivas em relação as doenças sexualmente transmissíveis de forma mais eficaz.”

Para Machado (2010), a falta de uma OS que oriente o aluno pode deixá-lo confuso, inseguro e com muitas dúvidas. Neste mesmo sentido, segundo Cardoso, Lazzarotto e Braz (2005), o professor é quem deve ter argumentos para realizar intervenções a respeito de questões sobre sexo e sexualidade e desse modo, desenvolver habilidades e criatividade metodológica para proporcionar assuntos onde os alunos possam se interagir e sentir-se atraídos pelo tema. O professor vai ser o responsável por estimular a reflexão, a fazer os alunos analisarem e serem críticos sobre os seus próprios comportamentos e sobre os comportamentos dos demais.

Machado (2002a) afirma também que a participação das famílias é essencial, uma vez que garante a confiança dos professores possibilitando a aproximação e a construção de vínculos de afeto e segurança a partir dos diálogos ligados ao tema sexualidade.

De acordo com Guimarães (1995), é necessário envolver os pais ou responsáveis neste processo para serem esclarecidos sobre os objetivos e os conteúdos específicos que se referem à OS para que assim possam alargar o diálogo com seus filhos ou com as crianças pelas quais são responsáveis. Desse modo, nota-se a importância de desenvolver pesquisas que possam contribuir para o aprofundamento sobre o tema e sobre as metodologias relacionadas à OS na escola, uma vez que é de suma seriedade esta reflexão e debate tanto para a instituição escolar e seus professores quanto para os alunos, pais e familiares.

3. Metodologia

Este estudo destaca a importância do ensino de OS em escolas do Ensino Fundamental 1. Para tanto, adotar-se-á a abordagem qualitativa que, segundo Marconi e Lakatos (2010), tem como foco a compreensão dos processos que envolvem a subjetividade humana, bem como seus simbolismos e significados.

Em relação aos níveis da pesquisa, classifica-se como pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2008, p. 28), “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das

características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.”

Quanto a área da ciência, a presente pesquisa é empírica. Para Marconi e Lakatos (2010), seu objetivo é testar hipóteses que se referem às relações de causa e efeito. Neste caso, é utilizada quando o pesquisador se propõe a comprovar através de experiências o que foi apresentado pela teoria ou o inverso, quando a sistematização dos dados serve à comprovação da teoria.

Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa de campo. Segundo Marconi e Lakatos (2010), esta tem como proposta conseguir informações sobre um determinado problema a fim de buscar uma resposta, comprovar ou descobrir novos fenômenos. Para tanto, observa-se os fatos da forma como ocorrem, logo, de maneira espontânea durante a coleta de dados. Para estas autoras:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (MARCONI, LAKATOS, 2010, p. 186)

Este trabalho foi realizado em 2 escolas municipais que oferecem o Ensino Fundamental no município de Ubá-MG onde se efetivou a coleta de dados junto às professoras das turmas dos 4º e 5º anos, sendo um universo total de 49 docentes.

A amostra foi constituída por 12 professoras que atuam em turmas de 4º e 5º anos. Mesmo diante do contexto de pandemia causada pela propagação do novo Coronavírus, o número da amostra (24,49%) atendeu aos requisitos exigidos pela composição probabilística de amostragem (de 15 a 20%), uma vez que o acesso às escolas e o contato físico com os professores foi impossibilitado.

Desse modo, considerou-se como fator de inclusão as professoras das turmas dos 4º e 5º anos que aceitaram participar desta pesquisa e por sua vez devolveram os questionários respondidos. Como fator de exclusão, as professoras das demais turmas e segmentos de ensino, assim como aquelas que não quiseram participar da pesquisa, haja vista que não devolveram os instrumentos de pesquisa enviados.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário que, segundo Marconi e Lakatos (2010), é constituído por perguntas respondidas por escrito, não sendo necessária a

presença do pesquisador. Neste caso, utilizamos um questionário estruturado com 8 questões abertas e fechadas. Sobre este instrumento, Gil (2008, p. 21) diz que:

Pode-se definir como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.

Os procedimentos para a coleta de dados ocorreram através do contato prévio com os diretores das escolas via telefone a fim de conseguir comunicar com os demais professores que se tornariam os sujeitos da pesquisa. Em seguida, os contatos realizaram-se por meio de aplicativos de celulares (*whatsapp*) e endereço eletrônico (*e-mail*). Assim, foi enviado aos professores que aceitaram participar da pesquisa o termo de autorização, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCL) e o questionário, sendo acordado um tempo necessário para preenchimento e devolutiva.

Os dados coletados foram compilados, transformados em gráficos para possibilitar a análise e compreensão. A divulgação dos dados poderá ser realizada tanto em congressos como também através de publicação em artigo científico.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma BRASIL, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução nº 466 de 12-12-2012- CNS/MS).

4. Resultados e Discussão

4.1 Universo da Pesquisa

A fim de realizar esta pesquisa, foram aplicados 12 questionários aos professores de duas escolas municipais situadas na cidade de Ubá-MG. Estas escolas estão localizadas nos bairros Cibraci e Centro. Em ambas é ofertado o Ensino Fundamental I, incluindo as turmas do 1º aos 5º anos nos turnos matutino e vespertino.

4.2 O ensino da Orientação Sexual no cotidiano da escola

Neste tópico será abordado sobre a avaliação dos professores quanto ao ensino da OS. A este respeito, Soares e Monteiro (2019) dizem que o inserir em sala de aula depende da iniciativa e disposição dos professores para conseguirem administrar as adversidades e as diversidades. De acordo com Brasil (1997), o tema deve ser ministrado de forma transversal, ou seja, em linhas gerais, atendendo às necessidades de cada turma tendo em vista que os PCNs abrangem os mais variados aspectos: sexualidade, cuidado e prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, o corpo, a saúde e até mesmo situações de violência sexual. Considerando esta perspectiva, foi perguntado aos professores: qual a sua avaliação sobre o ensino da OS direcionado aos estudantes do Ensino Fundamental 1?

Diante deste questionamento, P1 afirmou que: *“[A Orientação Sexual] é um tema primordial. É um assunto importante para a vida do aluno e este precisa ser bem orientado [pela escola] para uma vivência sexual saudável. Para isso, realiza-se uma retrospectiva histórica na inserção dos Parâmetros Curriculares Nacionais [...], observando o trabalho do tema por parte da escola, que às vezes é questionada quanto a negligência [por não tratar desse assunto] dentro de seus muros. [O que às vezes acontece é que a escola orienta] [...] seus alunos acerca de uma proteção higienista¹ e preventiva, ensinando-os alguns métodos contraceptivos.”* A este respeito, Gagliotto (2014) afirma que a OS é importante pois tem como intenção educar numa articulação consciente e planejada no espaço educativo. Nota-se que P1 reconhece de alguma forma que o tema Orientação Sexual é inserido como tema transversal e que a escola precisa se empenhar em nortear seus alunos para terem esclarecimentos. Esta narrativa vem de encontro ao que Abreu (2014, p. 73) afirma, quando diz que:

[...] incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, [...], discorre sobre o papel e a postura do educador e da escola, descrevendo, para tanto, as referências necessárias a melhor atuação educacional ao se tratar do assunto. Trabalho que se diferencia do tratamento da questão no ambiente familiar. Aborda ainda, por meio dos objetivos gerais, as capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos no ensino fundamental.

Sobre esta mesma questão, P4 descreve que: *“O tema Orientação Sexual é importante [...] quando trabalhado de maneira apropriada, [porque] ajuda as crianças a se conhecerem melhor e [também] identificarem características de um possível abuso sexual.* De acordo com

¹ Especialista em higiene ('parte da medicina'); sanitarista.

Diniz e Melo (2019), a compreensão da dimensão da sexualidade como inseparável da existência humana, faz parte dos direitos humanos e por isso a necessidade constante do diálogo entre professores e estudantes e entre estudantes e seus familiares. Esses momentos de interação devem ser intencionais e planejados.

Ao refletir sobre as dificuldades que a escola pode encontrar ao assumir para si o encargo de instruir sobre a questão que envolve sexo e sexualidade, P8 afirma que: *“Ainda falar sobre o tema Orientação Sexual não é fácil [...]. Muito pelo contrário, existe muita polêmica sobre esse assunto. Alguns acreditam que as crianças serão erotizadas e que poderão iniciar a vida sexual precocemente. Outros já defendem [que se deve tratar esses temas com as crianças] [...]. Na minha opinião, acredito ser importante, pois podemos fazer com que nossas crianças [...] possam se defender de algum abuso, violência e [...] bullying.”* Este professor defende que o tema é importante apesar de polêmico e melindroso. Neste sentido, Guimarães (1995) atesta que muitas escolas têm receio da reação das famílias. Nunca se sabe ao certo qual será a devolutiva dos pais e responsáveis, por isso escolas com posturas mais conservadoras não falam sobre sexo ou sexualidade, porque acreditam que esta seja uma questão de responsabilidade da família.

A este respeito, Ribeiro, Silva e Amoroso (2018) dizem que a escola deve quebrar alguns tabus estabelecidos pela sociedade e precisa orientar seus alunos em como se prevenir das diferentes doenças sexuais que existem, de uma gravidez indesejada e até mesmo da violência sexual. Para estes autores, as escolas e os professores deverão propor diálogos, orientações e palestras para as famílias perceberem a importância de se tratar o tema OS com as crianças no sentido da prevenção e de esclarecimentos.

Considerando ainda a descrição dos docentes, verifica-se opiniões em certa medida paradoxais. Segundo P7: *“[...] penso que este tipo de educação deva ser mais trabalhado em casa, pela família. O problema que vejo é que [na escola] esta orientação sexual tem sido tendenciosa, procurando tratar sobre gêneros e não do ser biológico.”* P11 diz que: *“Não, acho que deva ficar a critério de cada família.”* Apesar das opiniões divergentes dos professores, Caldeira e Lopes (2017, p. 1147) afirmam que “é inquestionável o papel crucial que a sexualidade desempenha no crescimento e desenvolvimento do adolescente, no relacionamento interpessoal, no respeito, na comunicação, na autoestima, na assertividade e na autoconfiança.” Dessa forma, para que ocorra uma construção bem estruturada sobre sexo e sexualidade nas crianças, esses autores defendem que os principais intervenientes devem ser, dentre outros agentes, a família e a escola.

Apesar da contraposição apresentada pelas professoras P7 e P11, Guimarães (1995) afirma que naturalmente a família estará envolvida no processo de educar desde o nascimento da criança e por isso não ficará isenta desta responsabilidade primária. Posteriormente, como responsabilidade secundária, a escola irá se comprometer também com esta tarefa, porém ficará incumbida do assessoramento, cumprindo assim sua função formadora.

Nota-se certa dúvida na resposta de P7 quanto ao conteúdo que a escola vem trabalhando (partindo, claro, de uma experiência pessoal apresentada nos dados desta professora). Isto se deu, possivelmente, porque, segundo Guimarães (1995), a escola tem uma tendência a se preservar. O que se estabelece nessa relação é muitas vezes a transferência de responsabilidades. Tanto a família atribui à escola tal responsabilidade, quanto o inverso. O que não se pode negar é que família e escola deverão participar ativamente das discussões para se pensar na OS, porque a educação informal desenvolvida pelas famílias será refletida dentro do ambiente escolar. Ainda sobre este mesmo assunto, Ribeiro, Silva e Amoroso (2018, p. 2693) acrescentam que:

A educação sexual escolar parece-nos não apenas essencial, mas de extrema importância em muitos aspectos do desenvolvimento humano, mesmo que ainda pareça gerar dúvidas em muitas pessoas sobre ser ou não a escola o espaço adequado para tal formação.

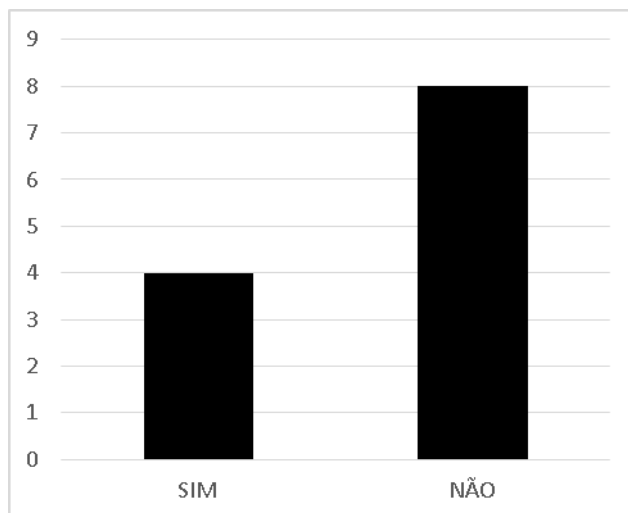
A fim de analisar qual a visão do professor sobre o tema OS, percebemos que a maioria dos entrevistados diz que é importante uma vez que auxilia os alunos a se protegerem das questões que envolvem doenças sexualmente transmissíveis, preconceitos e também para se autoconhecerem.

Notou-se ainda que a maioria dos sujeitos da pesquisa (80%) concordam que é importante e necessário a escola compartilhar a responsabilidade do assessoramento às crianças sobre o ensino da OS, procurando atender às necessidades individuais de cada aluno e de cada família.

4.3 A abordagem da Educação Sexual

Neste tópico será analisado se os conteúdos de OS são trabalhados ou não no cotidiano da sala de aula. A fim de obter os dados necessários a esta análise, foi elaborada a seguinte questão: o tema OS é trabalhado em sala de aula? A partir desta questão, obteve-se os seguintes dados:

Figura 1- Abordagem do tema Educação Sexual em sala de aula



Fonte: Pesquisa (2020)

Nota-se que os professores se subdividem de forma mais ou menos equivalente. Dos 12 entrevistados, 4 afirmaram que lecionam sobre OS e 8 não lecionam. Sobre ministrar ou não este conteúdo, as opiniões dos professores divergem a partir de argumentos plausíveis e que devem ser observados.

De acordo com P3: *“Sim [ministro este conteúdo]. A partir do momento que percebo certa maturidade nas crianças, introduzo o assunto de forma leve e didática para que eles possam entender.”* P4 relatou que: *“Sim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), já incluem Orientação Sexual para ser trabalhado em sala. [Considero que] o tema é complexo, principalmente se tratando de Anos Iniciais do Ensino Fundamental.* Em contraposição, P6 disse que: *“Não temos no currículo um conteúdo específico sobre o tema. Então, quando surge uma dúvida sobre o assunto, procuramos explicar exemplificando como uma atitude normal.”* P10 respondeu que: *“Não. As instituições não nos preparam para isso. Estamos restritos aos conteúdos sexuais do livro didático de Ciências”*

Diante das descrições de P3 e P4, Ribeiro, Silva e Amoroso (2018) afirmam que a escola é quem deve ter o papel de estimular os seus professores para atuarem nesta temática. Já sobre as respostas de P6 e P10, Brandão e Lopes (2018) atestam que não trabalhar OS em sala de aula acarretará em aumento tanto do preconceito quanto da discriminação sobre o tema no espaço escolar.

O que se percebe é que as instituições muitas vezes não preparam o professor, pois de acordo com Guimarães (1995, p. 17), “tradicionalmente conservadora, a escola revela alguns

pontos evidentes de que não está bem resolvida em relação a inserção da sexualidade em seus trabalhos.”

4.4 Metodologias adotadas no ensino de Educação Sexual

De acordo com Ribeiro, Silva e Amoroso (2018), é necessário atentar sobre as metodologias utilizadas no ensino de OS nas séries iniciais, tendo em vista que todo trabalho educativo deve ser criativo, flexível, planejado coletivamente entre todos os membros da equipe escolar: professores, diretores, supervisores e até mesmo os pais e os alunos. Ocorrendo de maneira planejada, promoverá a aprendizagem efetiva dos alunos. Desta forma, pensando em planejamentos e adaptações para ensinar, perguntou-se aos professores: quais são as metodologias atualmente utilizadas para o ensino da ES e qual tem sido a mais adequada?

Diante da questão proposta, obteve-se os seguintes dados: P3 diz que: *“São utilizados livros didáticos, material complementar como folhas xerografadas, filmes e vídeos ilustrativos. Quando possível é feito um convite a um profissional da saúde para que realize uma palestra.”* Percebe-se neste relato que o professor utiliza de metodologias bem diversificadas a fim de capturar os estudantes, atender suas demandas e ao mesmo tempo assessorá-los adequadamente. Diante destas estratégias de ensino, Gagliotto (2014, p. 20) afirma que:

A pedagogia está preocupada em como aprender e ensinar referências sobre a sexualidade e necessita conhecer os referenciais teóricos, históricos, antropológicos e educacionais para desenvolver uma didática da sexualidade.

Os professores que realmente estão preocupados em ensinar as temáticas da Orientação Sexual devem analisar os diferentes contextos para desenvolver uma boa prática que leve a aprendizagem dos alunos acerca da sexualidade. A este respeito, P7 afirmou que: *“Trabalho através de vídeos, construção de maquetes, pesquisas sobre proteção do corpo humano (saúde e puericultura, partes do corpo humano, etc.), ”.* Nesta mesma perspectiva, P12 destacou que *“[Utilizo] Textos abordando o assunto, [as aulas de] educação física e projetos específicos no conteúdo de ciências.”* Os professores juntamente com a escola, precisam de constante preparação para colocar em prática os conhecimentos acerca do tema. Neste aspecto, segundo Brasil (2000, p. 123) apud Gagliotto (2014, p.60)

O professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual.

O que os autores destacam é a necessidade de estudo e preparação contínuos. Para Caldeira e Lopes (2017), a OS deverá abordar assuntos de acordo com a idade dos estudantes, através de ações que garantam a continuidade das orientações e ensinamentos segundo as demandas de cada faixa etária.

Nesse sentido, os professores deverão organizar as metodologias de acordo com cada etapa da vida da criança. Corroborando com o que está posto, Ribeiro, Silva e Amoroso (2018) atestam que é de suma importância que esse tema seja tratado didaticamente, ou seja, pelo professor e pela escola, com materiais e recursos próprios e adequados. Para estes autores, os profissionais da educação devem ter formação específica e continuada a respeito desse tema a fim de que este trabalho favoreça sempre a flexibilidade, criatividade e um planejamento feito com toda comunidade escolar.

Espera-se dos professores que sejam proativos, abrindo espaços de diálogos e favorecendo o esclarecimento de dúvidas. Este momento de conversas e questionamentos podem ser estimulados através de textos, trechos de filmes, novelas, etc., materiais que podem ser utilizados em sala de aula.

Inicialmente, acreditava-se que os professores não estivessem preparados para lecionar sobre ES ou mesmo que não apresentavam interesse para trabalhar com o tema. Logo, foi perguntado aos professores: você se sente apto e tem interesse em lecionar sobre ES?

A partir desta questão, P1 descreveu que: “[Sinto] Falta de preparo e motivação da própria escola.” Por sua vez P7 afirmou que: “A escola não solicitou que eu trabalhasse nesse ano com o tema.” Além da ausência de capacitação, alguns professores revelaram ainda a preocupação com a falta de recursos didáticos. Nesse sentido, P10 atestou que: “Não utilizo metodologia por não ter sido preparada para tal. Utilizo, quando muito, no conteúdo de Ciências, mas não temos recursos adequados ou suficientes que atendam toda a turma.” Porém, de acordo com Guimarães (1995), as escolas devem tanto capacitar os professores como também oferecer instrumentos metodológicos, tais como: ilustrações, slides, filmes, cartazes, moldes e maquetes.

Verifica-se que estes professores não se sentem preparados para trabalharem com o tema por falta de capacitação, recursos e, por vezes, motivação da própria escola. Estes dados

confirmam o que dizem Ribeiro, Silva e Amoroso (2018) e Caldeira e Lopes (2017), quando afirmam que os professores não trabalham os conteúdos da OS por não se sentirem preparados ou até mesmo por não terem apoio da escola.

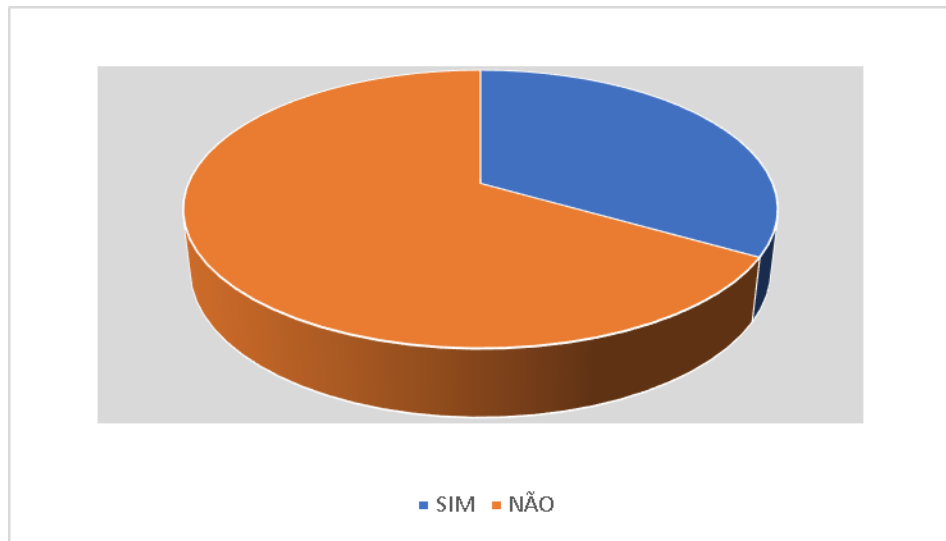
Como proposta para solucionar o problema apresentado, Soares e Monteiro (2019) afirmam que há necessidade de uma formação continuada por parte dos professores e de iniciativas das instituições escolares para tratar o tema.

Dos vários métodos que os entrevistados citaram, acredita-se que, se bem trabalhados, proporcionará uma aprendizagem significativa a partir do momento que o professor se dispor a fazer com que os alunos se interessem pelas suas aulas, relacionando o conteúdo com a realidade e necessidade de cada um deles.

4.5 Disciplina específica para se trabalhar o tema Educação Sexual

Nota-se que a escola culturalmente apresenta a ES apenas nos conteúdos relacionados à reprodução humana nas disciplinas de Ciências e Biologia. De acordo com Gagliotto (2014, p. 165), “ao restringir a Educação Sexual aos aparelhos reprodutores, a concepção, a contracepção e às doenças sexualmente transmissíveis” notadamente não é uma boa escolha feita pela escola e seus professores. Pensando nisso, perguntou-se aos professores: vocês consideram que há alguma disciplina específica para se trabalhar os conteúdos relacionados à OS? Os dados podem ser observados na Figura 2.

Figura 2 - Os conteúdos sobre Orientação Sexual pertencem a alguma disciplina específica?



Fonte: Pesquisa (2020)

De acordo com os dados apresentados acima, 70% dos professores não consideram que existe uma disciplina específica para trabalhar o tema e 30% consideram que existe. P5 e P7 responderam que a disciplina de Ciências é a mais adequada para o ensino de ES e P7 disse que existe, mas não definiu qual disciplina. Segundo Guimarães (1995), quando a escola e seus professores entendem que a disciplina de ciências é a única responsável pela OS ou quando cria alguns programas apenas para se trabalhar este tema, reduz o sexo unicamente a dimensão biológica.

De acordo com Brandão e Lopes (2018), com base no PCN, a educação sexual deve ser tratada de forma transversal, trabalhada em todas as disciplinas e por todos professores. Para estes autores, existem muitos desafios em relação à proposta de ensino transversal nas escolas, pois ainda persiste a concepção de que as disciplinas têm um fim em si mesmas. Neste sentido, Guimarães (1995, p. 26) afirma que:

[...] o comprometimento com uma única disciplina esconde a base da fragmentação do conhecimento. Suas descobertas mostram verdades parciais, dominadas por elites formais da ciência especializada, que cada vez mais se distanciam do saber do pesquisado e de sua realidade.

Desse modo, ao optar pelo ensino da OS somente em uma disciplina, os conhecimentos ficarão isolados, o que não se espera de conteúdos tão abrangentes como os que se referem a sexo e sexualidade. Esta escolha ficará restrita e promoverá reflexões estanques e engessadas. Diferente disso, ao optar pela transversalidade do tema, o docente ampliará também a reflexão e o debate.

4.6 Capacitação profissional para o Ensino da Educação Sexual

De acordo com Gagliotto (2014), a orientação sexual tem como objetivo promover a saúde das crianças e dos adolescentes e a escola é um dos espaços em que se pode abordar a sexualidade em suas diversas formas e possibilidades. Pensando no ambiente escolar como esse espaço legitimamente privilegiado para o debate, entende-se que seja necessária a devida preparação do seu corpo docente para tratar dos assuntos sobre sexo e sexualidade. Neste sentido, foi perguntado aos professores: você recebe algum tipo de orientação ou capacitação, como cursos ou palestras para trabalhar com o tema OS? Todos os professores responderam que não tem nenhuma capacitação ou orientação para se trabalhar a temática.

Segundo P3: *“Não recebemos. Tudo aquilo que fazemos é obtido através de pesquisa individual de cada um e de suas vivências.”* E P4 respondeu que: *“Este é um tema que não tem sido abordado de maneira ampla pelos gestores educacionais.”* P7 descreveu que: *“A escola não tem se pronunciado sobre este assunto diretamente. Não para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I.”*

Coadunando com os dados apresentados, Caldeira e Lopes (2017) afirmam que para uma abordagem consistente da OS no ambiente escolar, os professores devem receber meios de formação, treinamentos especializados, motivação e recursos ofertados pelas instituições para que tenham mais segurança e objetividade em suas ações. Estes autores atestam ainda que o professor não precisa ser especialista na sexualidade humana, mas sobretudo, enquanto educador, deve repensar e refletir sobre ela, para que a proposta de ensinar sobre educação sexual seja de fato uma realidade no ensino e principalmente na aprendizagem.

Em seguida, foi perguntado aos professores: você conhece alguma orientação ou capacitação sobre OS? Dos 12 professores que compuseram a amostra, apenas 7 responderam esta questão e confirmaram que não conhecem nenhum curso ou capacitação. Sobre este assunto, Guimarães (1995) explica que existem escolas que abordam de forma geral os mais variados assuntos através de palestras (temas sobre Aids, reprodução humana, transformação do corpo humano, etc.), entendendo que assim a OS está sendo realizada adequadamente. Segundo esta autora, este procedimento caracteriza-se como um projeto de OS isolados e se apresenta como falta de comprometimento da escola em relação aos seus alunos. Demonstra também que as escolas se sentem desobrigadas em assumirem posições frente a sexualidade humana.

Considera-se que esta não seja uma escolha responsável feita pelas escolas. É papel da escola motivarem os seus professores a trabalharem a temática, mas nota-se através dos dados

que não é esta a realidade. Considerando o grupo de análise nesta pesquisa, o que foi verificado é que fica a cargo dos professores a procura por cursos e capacitações ficando a escola isenta desta responsabilidade.

4.7 Reação dos estudantes diante do ensino de Educação Sexual

Com o propósito de saber como os estudantes reagem diante das aulas de OS, perguntou-se aos professores: o tema OS produz algum efeito no comportamento dos alunos? A partir desta indagação, obteve-se as seguintes respostas:

P2 afirmou que: *“Acontece de forma positiva o comportamento dos alunos quando se trata do tema, pois alguns conseguem se expressar e questionar sobre o assunto e com isso conseguimos ver que a maioria tem interesse [...], cabe ao professor deixar bem claro que esse é um assunto muito importante e eles devem ser bem preparados para não terem uma vida sexual de forma errada, mas sim com todos os cuidados necessários.”* P3 declarou que: *“De forma positiva, esse assunto provoca muito interesse nas crianças pois muitos estão passando por suas primeiras transformações no corpo [e também por transformações] emocionais [...]. Por isso ficam muito interessados no assunto e são bem participativos, levando suas dúvidas para a aula.”* P4 acrescenta que: *“De forma positiva vai gerar autoconhecimento, prevenção de futuras doenças e abusos [sexuais].”*

De acordo com Guimarães (1995), ensinar OS é importante uma vez que aguça a curiosidade dos estudantes e ao mesmo tempo possibilita a aprendizagem de conteúdos tão necessários sobre si, suas emoções e seu próprio corpo. Porém se não for trabalhada de forma adequada, a escola pode ser reprodutora de diferenças e discriminações. Sendo assim, a escola tem potencial para desempenhar uma boa ou deficitária formação no que se refere a OS.

4.8 Resultados alcançados através do ensino de Orientação Sexual

Considera-se importante elencar os resultados positivos alcançados pelos professores quando se propõem a trabalhar com os conteúdos de OS. De acordo com Guimarães (1995), se estes conteúdos forem bem apresentados serão alcançados resultados positivos. Com a finalidade de verificar estas decorrências, foi perguntado aos professores: quais são os resultados mais efetivos quando o professor se propõe a trabalhar o tema OS?

A este respeito, P2 disse que: *“Como professora, vejo que da maneira que trabalho e coloco o assunto, estou conseguindo interagir com os alunos e esclarecer para eles os*

questionamentos [...]. *[Também estou] mostrando que esse é um assunto importante e diz respeito a todos os seres humanos e que todos devem sempre cuidar.* P3 esclarece que: *“Percebo que a maioria dos alunos consegue assimilar as informações e dar significado a elas, utilizando em seu dia a dia de forma a auxiliá-los a conviver melhor com seu corpo em transformação, seu emocional e seu dia a dia.”* Como pode ser observado, os resultados obtidos através do ensino da OS demonstram satisfação tanto do professor quanto do aluno.

Em consonância com os resultados apresentados acima, Diniz e Melo (2019) afirmam que é necessário e urgente incluir um diálogo crítico sobre sexualidade em seus vários aspectos dos projetos político-pedagógicos das escolas e também das instituições de ensino superior, já que são formadoras de professores. Entende-se ainda que este diálogo se apresenta como proposta de reflexão aos professores e discentes a fim de repensarem sobre o seu próprio comportamento e daqueles com os quais convivem.

Acima destacamos resultados satisfatórios, porém P8 apresenta uma descrição oposta dizendo que: *“Infelizmente não podemos falar que se tem muito êxito, pois a cada ano ocorre a iniciação precoce na vida sexual, [isso] demonstra que o uso de preservativos é menor [...] [a partir dos 15 anos], existe também a constante troca de parceiros [...].”* A fim de evitar a situação descrita por P8, Paes, Favorito e Gonçalves (2015, p. 70) afirmam que:

Ensinaamentos seguros e livres de preconceito acerca da sexualidade, desde cedo, são fundamentais para que as crianças, na adolescência e na vida adulta, possam tomar atitudes e decisões mais responsáveis no que diz respeito à sua própria conduta sexual.

Verificou-se neste tópico que se faz necessária a implicação da escola quanto a OS, tendo em vista que parte dos resultados positivos resultam exatamente do nível desse envolvimento dos educadores. Os resultados satisfatórios são subjetivos, no entanto podem ser notados nas descrições dos professores e percebe-se que são de fato fundamentais para que os alunos possam tomar atitudes e decisões mais responsáveis e assertivas durante toda a vida.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscou-se analisar a avaliação dos professores sobre a Educação Sexual como conteúdo para ser ensinado aos estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. E assim, observou-se a importância deste tema para o processo de aprendizagem dos estudantes neste segmento de ensino.

Foi possível verificar quais são as metodologias adotadas e sobretudo aquelas consideradas pelos professores como as mais adequadas ao ensino de OS para crianças, buscando maior efetividade na aprendizagem e no desenvolvimento de habilidades e competências atitudinais.

Foi identificado também que não existe uma disciplina específica para tratar sobre o tema OS. É consensual que este conteúdo deve ser inserido no cotidiano escolar como tema transversal de acordo com as orientações do PCN e da BNCC, sendo, portanto, responsabilidade de todos os professores em todas as disciplinas. Verificou-se também que prevalece a reação positiva dos estudantes em relação a aprendizagem dos conteúdos concernentes à OS.

Inicialmente acreditava-se que os professores não tinham total segurança em relação ao ensino dos conteúdos sobre OS e esta hipótese foi confirmada uma vez que estes por algumas vezes não recebem orientação, motivação ou treinamentos por parte das escolas.

Foi possível comprovar também que a escola deve ser um local participativo que oportunize aos alunos realizarem seus questionamentos sobre a sexo e sexualidade como parte natural de sua vida.

Conclui-se assim que a OS é de extrema importância e que essa orientação pode levar a mudanças sociais, diminuindo preconceitos, quebrando tabus e dissolvendo polêmicas, além de ajudar às crianças e adolescentes a terem uma formação mais completa e consciente com vistas a diminuir casos de violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada.

Como proposta de novas pesquisas, indica-se o aprofundamento na opinião da família ou responsável acerca do assunto, uma vez que nesta pesquisa os sujeitos foram apenas professores, sendo necessário entender como a família avalia a OS nas escolas.

Referências Bibliográficas

Abreu (2014, p. 73) – NÃO CONSIGO ENTRAR NO LINK....

BARBOSA, Luciana Uchôa, FOLMER, Vanderlei. Educação Sexual na escola: percepções de professores da educação básica: **Revasf**, Petrolina- Pernambuco, v. 9, n.19, p.221-243, Mai/ 2019.

BRASIL (2000) apud GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: Matrizes Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias. Jundiaí: **Paco**, p. 192, 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 164p.

BRANDÃO, Elaine Reis, LOPES, Rebecca Faray Ferreira. “Não é competência do professor ser sexólogo”. O debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação: **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 100-123, Jan /Abr. 2018.

CALDEIRA, LOPES M. Educação Sexual na Escola. **Revista IBERO-AMERICANA DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO**, VOL. 3, nº 3, p. 1147-1164, dez. 2017.

CARDOSO, Gessi Maria, LAZZAROTTO, Elizabeth Maria, BRAZ, Elizabeth. **Educação Sexual para Adolescentes: Coluna do Saber**, p. 150-2005.

DINIZ A, MELO Sonia. Reflexões sobre contribuições do pensamento Paulo Freireano para uma Educação Sexual Emancipatória pautada nos direitos sexuais como direitos humanos: **Revista COCAR**, Belém, V.13. N.25, p. 34-52 – Jan./Abr. 2019.

GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: Matrices Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias. Jundiaí: **Paco**, p. 192, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Antônio Carlos Gil. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. Educação Sexual na Escola: **Mercado de Letras**, ano....p.128, 1995.

LEI 3/84. Educação Sexual e Planejamento Familiar. **Diário da República**.1985; 1ª série, nº 71.p.3-24.

LEI 60/2009. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. **Diário da República**. 2009 agosto 6;1ª série, nº 151.p 5097-5098.

MACHADO, Júlio Cesar Faria. **Sexo com Liberdade**: Fênix, Belo Horizonte, p.167, 2010.

MACHADO, Júlio Vaz. Educação Sexual na Escola: **Universidade aberta**, 3 impressão. Lisboa, p. 130, fev. 2002a.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PAES, Daniela Cristina, FAVORITO, Ana Paula, GONÇALVES, Randys Caldeira. **Educação sexual nas series iniciais do Ensino fundamental**: o que educadoras da rede municipal de Ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer ?: Multi-Science Journal. Goiás, p.69, out.2015

RIBEIRO, Lorena Candido Costa, SILVA, Luana Kellen de Oliveira, AMOROSO, Sônia Regina Basili. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA. **Anais do 13 Simpósio de IC da Faculdade ICESP. 2018 (13).**

SOARES, Z. P; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, Jan./Fev. 2019.

Anexos 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Atendimento a Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS)²

Você está sendo convidado (a) como voluntária a participar da pesquisa “Uma análise sobre a proposta da Orientação Sexual nos primeiros anos do Ensino Fundamental” a ser realizado pelo curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos- FUPAC/Ubá.

- Neste estudo pretendemos analisar a avaliação dos professores sobre a proposta do tema Orientação Sexual.
- Justifica-se a pesquisa diante da importância do tema Orientação Sexual, por ser necessário iniciar essa proposta desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, uma vez que auxilia os estudantes a refletirem sobre o tema e a perceberem dificuldades encontradas pelos professores.
- Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: o questionário (instrumento da pesquisa), constituído por uma série de perguntas, de forma estruturada que será respondido pelos professores do 4º e 5º anos da Rede Pública.–
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira;
- Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, estando o(s) telefone(s) (32) 99915-9282 ou e-mail fabianarochasouza932@gmail.com da pesquisadora Fabiana da Rocha Souza e (32)98886-8394, e-mail gilson.soares.toledo@gmail.com do orientador professor Gilson Soares Toledo à sua disposição para comunicar qualquer dúvida ou desistência de participação;
- Dentro desta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização;
- A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador;

²

Esta Resolução altera a anterior (Nº 196/96), aprovando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

- O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo;
- Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo;
- Durante a realização do teste não há possibilidade de ocorrerem problemas, riscos ou desconforto devido à intervenção do pesquisador;
- Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa;
- Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada;
- Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão;
- Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos;
- Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____, após a leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, ou da tutela legalmente estabelecida sobre o participante da pesquisa, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Assinatura do (a) Participante

Fabiana da Rocha Souza
fabianarochasouza932@gmail.com-

Pesquisadora

Gilson Soares Toledo
gilson.soares.toledo@gmail.com

Orientador

Anexo 2



Acadêmica Fabiana da Rocha Souza

Curso Pedagogia

7º Período

**Uma análise sobre a proposta da Orientação Sexual nos primeiros
anos do Ensino Fundamental**

Questionário

1. Qual é a sua avaliação sobre o ensino da Orientação Sexual?

1b. Você a considera importante para as crianças e adolescentes?

1c. O tema Orientação Sexual é trabalhado em sala de aula?

() Sim

() Não

2. Quais são as metodologias atualmente utilizadas para o ensino da OS e qual tem sido a mais adequada?

3. Se a resposta for não, aponte os motivos que lhe fez decidir em não trabalhar com este tema.

4. Você considera que tem uma disciplina (conteúdo: matemática, português, ciências, etc) mais adequada para se trabalhar Orientação Sexual

() Sim

() Não

4b. Se sim, qual seria essa disciplina.

5. Os profissionais da escola têm recebido orientação e capacitação para atender essa temática em sala de aula () Sim () Não

6. Se sim, que tipo de orientação e capacitação os profissionais da escola têm recebido para trabalhar o tema Educação Sexual?

7. O tema Orientação Sexual produz algum efeito no comportamento dos alunos ?
() Sim () Não

b- Se sim, quais são esses efeitos ?

8. Quais são os resultados mais efetivos quando o professor se propõe a trabalhar o tema Orientação Sexual?
